

EP-247

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS X ADOLESCÊNCIA: SEXUALIDADE SEM PRECONCEITOS

Gislaine Cristhina Bellusse, Nádia Bruna da Silva Negrinho, Reynaldo J.S. Perira de Souza, Letícia Selegato Tasso, Rebeca Rolim Ribeiro Martins, Julio Cesar Ribeiro

Universidade de Franca (UNIFRAN), Franca, SP, Brasil

Introdução: Os múltiplos conflitos relacionados aos aspectos físicos e psicossociais que permeiam a adolescência tornam esse grupo mais vulnerável às infecções sexualmente transmissíveis e a elevada incidência está associada ao início, cada vez mais precoce, das atividades sexuais associadas à ausência de práticas seguras.

Objetivo: Evidenciar grupos de diálogo, com participação de estudantes da área da saúde, como espaço de construção sistêmica acerca das IST.

Metodologia: Tratou-se de uma revisão narrativa da literatura.

Resultados: A desigualdade de gênero torna as mulheres responsáveis pela proteção na relação sexual e, o homem, por interferência de crenças e valores culturais, assume o papel de promiscuidade se expondo a risco de uma relação sexual desprotegida. Os fatores de risco relacionados à vulnerabilidade dos adolescentes às IST estão associados à não adesão aos preservativos, baixa escolaridade, falta de conhecimentos sobre as IST, interferência de fatores culturais e falta de orientações. Identificar o nível de conhecimentos dos adolescentes e as lacunas presentes é essencial para a implementação de estratégias que consolidem informações adequadas e redução dos casos de IST.

Discussão/Conclusão: A adolescência envolve questões relacionadas à necessidade de aceitação, ao contato cada vez mais precoce com drogas e álcool além das questões estritamente relevantes relacionadas ao gênero. Esses fatores fazem com que esse grupo se considere plenamente informado e imunes sobre as IST sem que percebam o risco de aquisição dessas doenças. Diante dos fatores de riscos expostos, ressalta-se a implementação de ações educativas contínuas e problematizantes com o objetivo de promover a prevenção de doenças e empoderamento quanto às práticas seguras. A inserção de estudantes de enfermagem e medicina no cenário escolar favorece o diálogo aberto sobre as IST e às práticas sexuais seguras sem o peso emocional dos diálogos familiares e devido à isenção de julgamentos e quebra de paradigmas. Nesse momento, é de suma importância a identificação dos comportamentos de risco para a implementação de ações de saúde voltadas à prevenção de doenças.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101325>

EP-248

AS DIVERSIDADES DA PREDOMINÂNCIA DA SÍFILIS ADQUIRIDA NAS REGIÕES DO BRASIL (2010 - JUNHO DE 2019)

Mariana Alma Rocha de Andrade, Izailza Matos Dantas Lopes, Matheus Todt Aragão, Letícia Goes Santos, Lucas Ferreira de Sá Santos, Elisandra de Carvalho Nascimento, Leonardo Santos Melo, Bruno José Santos Lima, Catharina Garcia de Oliveira, Mateus Lenier Rezende

Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju, SE, Brasil

Introdução: A sífilis é uma doença infectocontagiosa e sexualmente transmissível, que tem como agente etiológico a espiroqueta *Treponema pallidum*. É causa de grande morbidade, porém, o seu diagnóstico e tratamento são bem estabelecidos. Entretanto, observou-se aumento, na última década, de notificações de casos de sífilis no Brasil mesmo com projetos para a sua diminuição. Logo, tais notificações permitiram a real análise da epidemiologia da doença no território brasileiro.

Objetivo: Avaliar a prevalência de Sífilis Adquirida em território brasileiro no período de 2010 a junho de 2019.

Metodologia: Foi realizado um estudo transversal, observacional, retrospectivo e de caráter analítico e quantitativo, a partir de uma coleta de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do Ministério da Saúde no período de 2010 a junho de 2019.

Resultados: Constatou-se um aumento dos casos de Sífilis Adquirida no Brasil de 3.929 em 2010 para 67.301 casos no primeiro semestre de 2019, com maior taxa de incidência na região Sudeste (taxa de detecção, por 100.000 habitantes, de 3,2% (n=2.579) em 2010; e em 2019 (até junho), um total de 29.339 casos) e a menor na região Norte (taxa de detecção, por 100.000 habitantes, de 1,0% (n=156) em 2010; já em 2019 total de 4.860 acometidos no primeiro semestre). O perfil prevalente dos acometidos, durante esse intervalo de tempo, foi do gênero masculino, 59,6% (n=387.312); com idade entre 20 a 29 anos, 33,6% (n=218.405); com ensino médio completo, 17,0% (n=110.295); e de cor branca, 37,8% (n=245.827).

Discussão/Conclusão: Notou-se crescente o número de casos de Sífilis Adquirida no Brasil no decorrer dos anos estudados, números esses que podem ser justificados pelo aumento da notificação dos casos no país e intensificação da vigilância pelas secretarias de saúde (Andrade et al., 2019; Dias et al., 2018). Outro fator, segundo Oliveira Souza et al. (2018) seria que, apesar das facilidades de diagnóstico e do tratamento disponíveis na rede básica do SUS, o aumento nas taxas relaciona-se com a diminuição de práticas sexuais seguras. O estudo das taxas de Sífilis Adquirida, a partir do SINAN, é uma ferramenta de grande valia para a saúde pública, uma vez que possibilita o planejamento de prevenção e controle da sífilis, estimulando-se a adesão ao tratamento e seguimento, o uso de preservativo e a maior disseminação de informações sobre a doença.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101326>